

## HÁ SEIS SEMANAS

SUBÚRBIOS DE MERIT

NA noite em que Marcella morreu, preparou o prato predileto do marido.

Não por ser uma ocasião especial, mas porque não era — a espontaneidade, insistiam as pessoas, era o segredo do amor. Marcella não sabia se acreditava nisso, mas estava disposta a experimentar uma refeição caseira. Nada demasiado extravagante — um bom bife, alourado com pimenta preta, batata-doce assada lentamente, uma garrafa de *merlot*.

No entanto, já eram seis da tarde e Marcus não estava em casa.

Marcella colocou a comida no forno para a manter quente. Em seguida, verificou o batom ao espelho do corredor. Libertou o longo cabelo preto do carrapito folgado, depois voltou a prendê-lo, desenredando algumas madeixas antes de alisar o vestido de corte trapézio. As pessoas chamavam-lhe uma beleza natural, mas a natureza só ia até determinado ponto. A verdade é que Marcella passava duas horas no ginásio, seis dias por semana, exercitando e tonificando e esticando cada músculo magro do seu esbelto corpo de um metro e oitenta, e nunca saía do seu quarto sem a habilmente aplicada maquiagem. Não era fácil, mas também não era fácil estar casada com Marcus Andover Riggins, mais conhecido por Marc, o *Tubarão*, braço direito de Tony Hutch.

Não era fácil, mas valia a pena.

A mãe gostava de dizer que ela tinha ido à pesca e apanhara um tubarão-branco. Mas o que a sua *mãe* não percebia era que Marcella tinha

lançado o anzol com o prêmio em mente. E tinha capturado *exatamente* o que desejava.

Os seus sapatos de saltos vermelho-cereja atravessaram o chão de madeira antes de serem engolidos pelo tapete de seda enquanto terminava de pôr a mesa e acendia cada um dos vinte e quatro candelabros de ferro que emolduravam a porta.

Marcus odiava-os, mas, desta vez, Marcella não queria saber. Ela adorava os candelabros, com as hastes longas e os membros ramificados — pareciam o tipo de coisa que se encontraria num *château* francês. Faziam a casa parecer luxuosa. Faziam com que o dinheiro novo parecesse antigo.

Marcella viu as horas — eram as sete —, mas resistiu ao impulso de telefonar. A maneira mais rápida de matar uma chama era abafá-la. Além disso, se Marcus tinha trabalho, o trabalho vinha sempre primeiro.

Marcella serviu-se um copo de vinho e encostou-se à bancada, imaginando as mãos fortes dele a fecharem-se em redor do pescoço de alguém. Uma cabeça submersa, um queixo a partir-se ao meio. Uma vez Marcus apareceu em casa com sangue nas mãos e ela fodeu-o mesmo ali, na ilha de mármore, o cabo metálico da sua arma ainda no coldre, o aço duro contra as costelas dela.

As pessoas pensavam que Marcella amava o marido, apesar da sua ocupação. A verdade é que o amava por causa disso.

No entanto, como as sete se tornaram oito, e as oito se aproximavam das nove, a excitação de Marcella transformou-se lentamente em irritação, e quando a porta da frente finalmente se abriu, essa irritação tornou-se raiva.

— Desculpa, querida.

A sua voz mudava sempre após ter estado a beber, abrandando para um tom lento e arrastado. Era o único indício que o denunciava. Ele nunca tropeçava ou balançava, as mãos nunca lhe tremiam. Não, Marcus Riggins era feito de coisas mais fortes, mas não deixava de ter os seus defeitos.

— Tudo bem — disse Marcella, odiando a tensão na sua própria voz. Virou para a cozinha, mas Marcus agarrou-a pela cintura, puxando-a com força suficiente para ela perder o equilíbrio. Envolveu-a com os braços e ela levantou o olhar para o seu rosto.